



# REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UEMS

## TRADUÇÃO

### PARA UMA DEFINIÇÃO DA DIREITA REACIONÁRIA<sup>1</sup>

Norberto Bobbio

**RESUMO:** O texto aborda a distinção entre direita, centro-direita e extrema direita como variações político-ideológicas de um *continuum* tal qual ocorre com esquerda, centro-esquerda e extrema esquerda, argumentando que cada subpólo político-ideológico não deve ser confundido com outro; que, portanto, a direita e a centro-direita não se confundem com a extrema-direita; que há semelhanças não teleológicas, mas instrumentais (o recurso à violência); entre extrema-direita e extrema-esquerda; que a direita reacionária define propriamente a extrema-direita; que a esquerda se define pela defesa do igualitarismo e a direita pela defesa do inigualitarismo; e destaca o principal teórico moderno do igualitarismo como Rousseau e o principal teórico moderno do inigualitarismo como Nietzsche.

**PALAVRAS-CHAVE:** direita; centro-direita; extrema-direita; direita reacionária; inigualitarismo.

### FOR A DEFINITION OF THE REACTIONARY RIGHT

**ABSTRACT:** The text addresses the distinction between right, center-right and extreme right as political-ideological variations of a *continuum* such as occurs with left, center-left and extreme left, arguing that each political-ideological subpole should not be confused with another; that, therefore, the right and center-right are not to be confused with the extreme right; that there are not teleological, but instrumental similarities (the resort to violence), between extreme right and extreme left; that the reactionary right properly defines the extreme right; that the left is defined by the defense of egalitarianism and the right by the defense of inegalitarianism; and highlights the leading modern theorist of egalitarianism such as Rousseau and the leading modern theorist of inegalitarianism such as Nietzsche.

**KEYWORDS:** right; extreme right; center-right; reactionary right; inegalitarianism.

---

<sup>1</sup> Palestra introdutória à Conferência *Nuova destra e cultura reazionaria negli anni ottanta* [Nova direita e cultura reacionária nos anos oitenta], realizada em Cuneo, entre 19 e 21 de novembro de 1982. Tradução de Daniel Fonnesu. Revisão técnica de Rafael Salatini e Érica Salatini. Agradecemos ao Instituto Norberto Bobbio pela cessão dos direitos de tradução e publicação deste texto, assim como agradecemos ao Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Unesp (campus de Marília) pelo fomento público para a tradução.

## POR UNA DEFINICIÓN DE LA DERECHA REACCIONARIA

**RESUMEN:** El texto aborda la distinción entre derecha, centro-derecha y extrema derecha como variaciones político-ideológicas de un continuo como ocurre con la izquierda, el centro-izquierda y la extrema izquierda, argumentando que cada subpolo político-ideológico no debe confundirse con otro; que, por tanto, la derecha y el centro-derecha no deben confundirse con la extrema derecha; que no hay similitudes teleológicas, sino instrumentales (el recurso a la violencia), entre la extrema derecha y la extrema izquierda; que la derecha reaccionaria define adecuadamente a la extrema derecha; que la izquierda se define por la defensa del igualitarismo y la derecha por la defensa del desigualitarismo principal teórico moderno del igualitarismo como Rousseau y el principal teórico moderno del igualitarismo como Nietzsche.

**PALABRAS CLAVE:** derecha; extrema derecha; centro-derecha; derecha reaccionaria; desigualitarismo.

Primeiramente, recomendo que o título não seja levado muito ao pé da letra. Não estou em busca de uma definição. A maioria das palavras na linguagem política são escorregadias: difíceis de entender, uma vez agarradas e entendidas, elas escorregam de nossas mãos. Além disso, quase sempre elas possuem um significado descritivo e um significado prescritivo, ou emocional: o descritivo, geralmente é caracterizado por limites incertos e, portanto, sua extensão varia bastante, de acordo com os contextos e o uso; o prescritivo, ou emocional, sempre conforme os contextos e o uso, é capaz de despertar emoções muito diferentes e opostas, ora positivas, ora negativas.

O termo “direita” não constitui uma exceção. Descritivamente, sua extensão varia a depender se for usado em um sistema conceitual dicotômico, em que se opõe ao termo “esquerda”, e os dois termos, direita e esquerda, ocupam todo o espaço, de maneira que o que não pertence à direita pertence à esquerda e vice-versa, ou em um sistema tricotômico, em que, entre a direita e a esquerda, insere-se um centro, definido como uma área colocada no meio, entre a direita e a esquerda, que amplia ou reduz seu próprio espaço conforme o movimento for de expansão para seus próprios lados, ou de retração. Emocionalmente, o significado do termo varia consoante o que se entende por direita for descrito por quem se considera de direita ou por quem se considera de esquerda, ou seja, como o lado certo a ser seguido, e proposto para que seja seguido, ou como o lado errado a ser recusado, e proposto para que seja recusado. Naturalmente, o mesmo vale para o termo “esquerda”. Não admira que o significado emocional dos dois termos seja tão diferente: a política é o teatro onde as paixões ou, se quisermos, as ideologias, colidem (mas as ideologias, frequentemente, são paixões sublimadas e coaguladas). O que quer que digam, apesar da sentença de condenação proferida por quem acreditar que já chegou

a hora do fim das ideologias, ou por quem acreditar que esta oposição historicamente delimitada já deu o que tinha a dar<sup>2</sup>, direita e esquerda ainda representam os dois termos com os quais costumam-se denominar os campos políticos opostos e, nos sistemas políticos democráticos, dividem-se os partidos ao longo de um arco que, com efeito, procede da esquerda à direita, ou vice-versa.

O problema se complica se levarmos em conta que tanto a direita quanto a esquerda, por sua vez, geralmente se dividem em uma ala extrema e uma ala moderada, com a consequência de que as partições usuais do universo político passam a ser quatro, ou pelo menos quatro. Se levarmos em consideração o centro também, este pode, por sua vez, ser dividido em um centro-centro, um centro-esquerda e um centro-direita. Muitas vezes, o próprio centro se forma mediante a aproximação entre a esquerda moderada e a direita moderada, que, ao se aproximarem, repelem para os lados a esquerda e a direita extremas. Com base na presença ou não de uma esquerda e de uma direita extremas, os sistemas políticos são distinguidos entre polarizados e não polarizados ou, melhor dizendo, com pluralismo polarizado ou pluralismo moderado: uma distinção, esta, que já foi utilizada, entre outras coisas, para descrever o sistema político italiano<sup>3</sup>. A distinção entre a ala extrema e a ala moderada é relevante para o discurso que estou formulando, pois o que eu pretendo abordar não é a direita em geral, mas a direita extrema, à qual corresponde uma esquerda extrema, em uma contraposição especular que, em nosso país, temos continuamente diante dos nossos olhos, pelo menos sob o aspecto dos dois terrorismos iguais e contrários.

A ala moderada e a ala extrema dos dois campos costumam ser distinguidas, principalmente (se não exatamente de maneira exclusiva), não tanto com base no conteúdo, no programa, em uma palavra, embora vaga, suficientemente clara, na ideologia, mas sim, no método, mais precisamente, na aceitação ou não do método democrático para conseguir os respectivos fins e, conseqüentemente, na rejeição ou não da violência como instrumento de luta política. (Seja dito aqui, de uma vez por todas, que por método democrático entendo o conjunto das chamadas regras do jogo, segundo as quais a formação da vontade coletiva ocorre através de debates públicos e eleições periódicas por sufrágio universal.) Não é por acaso que a direita reacionária costuma ser

---

2 Hoje, a crítica a essa distinção procede sobretudo da direita, que não quer se passar pelo que é.

3 Dentre os vários exemplos, será suficiente citar o livro de Giovanni Sartori, *Teoria dei partiti e caso italiano* [Teoria dos partidos e caso italiano], Milano: SugarCo, 1982.

chamada, por seus adversários, de contrarrevolucionária, e chama a si mesma de revolucionária, em contextos onde os termos “revolução” e “contrarrevolução” indicam, mais do que um programa político, certa forma de conceber a luta pela conquista do poder, forma, essa, que não rejeita, e sim exige, a violência. O tema da revolução conservadora, da *konservative Revolution*, é um dos temas atuais da nova direita, que se baseia nas doutrinas alemãs da época de Weimar, sucessivamente confluídas de forma parcial no nazismo. É notório que a expressão foi usada pelo próprio Hitler, quando definiu a si mesmo como “o mais conservador revolucionário do mundo”. Menos notório é o fato de que o próprio Alfredo Rocco, durante um discurso no Parlamento, pediu que lhe fosse permitido “conceder-lhe uma antítese”, a de “revolução conservadora” (mas pelo menos Rocco estava ciente de que se tratava de uma antítese)<sup>4</sup>.

Diante da tarefa de definir, ou melhor, redefinir o que se entende por direita reacionária, o primeiro problema é estabelecer se a categoria histórica da direita é tão ampla e fluida que pode abranger, em seu âmbito, tanto a direita moderada como aquela extrema. O problema se impõe porque, à primeira vista, pode parecer que haja muito pouco em comum entre a direita moderada, que inclui nosso partido liberal<sup>5</sup> (geralmente, os partidos liberais que são tais no âmbito da economia e, portanto, nem todos os movimentos e as doutrinas que são chamadas de liberais) e a direita extrema, em que estão incluídos os vários movimentos neofascistas ou, pior ainda, neonazistas. Afinal de contas, a mesma impressão de incongruência e exagero se faz presente ao chamar de esquerda – contudo, essa também é uma denominação corrente tanto na linguagem comum, quanto naquela técnica dos historiadores e cientistas sociais – tanto o partido trabalhista inglês ou o partido social-democrata alemão, como a *Rote Armee* ou as Brigadas Vermelhas [grupo terrorista italiano formado em 1970]. Em outras palavras, há

---

4 A nova direita italiana, e também a francesa, afundam suas raízes mais na cultura alemã, do que na de outros países. Nos escritores da nova direita italiana, encontro pouco sobre [Giovanni] Gentile, pouco sobre [Benito] Mussolini, não encontro nada sobre [Alfredo] Rocco, nada sobre [Ugo] Spirito e, pelo contrário, encontro muito sobre Nietzsche, muito sobre Carl Schmitt e Ernst Jünger, [Oswald] Spengler e a doutrina da *konservative Revolution* [revolução conservadora]. Falando a verdade, houve uma exumação de Carlo Costamagna, que, de 1930 a 1943, foi o editor da revista *Lo Stato*, uma típica revista do regime, mas não uma das mais conceituadas. Isso me surpreendeu, pois sou suficientemente velho para lembrar, com exatidão, o clima cultural daqueles anos e os personagens, grandes e pequenos, que o formavam: Costamagna sem dúvida não era um dos mais representativos, e não era levado muito a sério nem mesmo entre os intelectuais orgânicos do regime. Reli sua *Dottrina del fascismo* [Doutrina do fascismo], reimprimida pela editora La Tavola Rotonda em 1982, e pude reconfirmar minha impressão de outrora.

5 No uso linguístico atual, típico deste período na Itália, uma coalizão de governo formada pela democracia cristã e pelo partido liberal é chamada de centro-direita, enquanto uma coalizão entre democracia cristã e partido socialista é chamada de centro-esquerda.

um sentido de “direita” em virtude do qual seja possível definir de direita tanto Valerio Zanone [político do Partido Liberal Italiano] como [Pino] Rauti [político neofascista do Movimento Social Italiano], e de esquerda tanto Claudio Martelli [político do Partido Socialista Italiano] como [Renato] Curcio [um dos fundadores do grupo Brigadas Vermelhas]? Parece uma pergunta esquisita, mas é uma pergunta legítima à qual é preciso, de alguma maneira, providenciar uma resposta, pois o uso comum e incontestado, não contrastado, dos termos “direita” e “esquerda”, nos impõe isso. E não seria possível livrar-se do constrangimento argumentando que a linguagem política é tão confusa que a mesma palavra pode ser usada nos vários contextos, com sentidos tão diferentes que abrangem realidades diferentes, e o que importa não é tanto procurar entender em vão se os diversos significados possuem alguma conotação em comum, e sim redefinir a cada vez tal conotação, de maneira a evitar a confusão das línguas. Pensemos em palavras como “democracia” ou “socialismo”, que podem ser usadas de maneira tal que duas pessoas podem facilmente chamar a si mesmas de democratas ou socialistas, mesmo apoiando, de fato, teses opostas com relação ao projeto de sociedade que elas têm em mente. Mas o que pode valer no caso de palavras em que o significado emocional é mais forte do que o descritivo, não vale para “direita” e “esquerda”, que são usadas principalmente para indicar uma posição na linha contínua das repartições políticas, seguindo uma convenção comumente aceita entre os falantes.

Entrando no mérito, gostaria de livrar-me imediatamente de um dos critérios mais comuns de distinção entre doutrinas políticas – uma verdadeira “grande dicotomia” – que imediatamente aparece em nossa mente, e ao qual poderia surgir a tentação de reconduzir a distinção de que estou me ocupando. Refiro-me à distinção entre concepções individualistas e concepções orgânicas (ou coletivistas, ou holísticas) da sociedade, nas quais hoje voltamos a focar a maior atenção, após a reviviscência agressiva das doutrinas individualistas tradicionais, e a formulação do chamado “individualismo metodológico”, contra as degenerações práticas de regimes que se acredita serem inspirados em teorias coletivistas<sup>6</sup>. Embora possa parecer sugestivo remeter a distinção entre direita e esquerda à distinção entre organicismo e individualismo, essa tese não resiste a um exame, nem mesmo superficial. A direita reacionária, e em parte também aquela conservadora,

---

6 Limito-me a lembrar a conferência sobre *Individuale e collettivo* [Individual e coletivo], realizada em Torino em janeiro passado, promovida pelo Club Turati, com a prestigiosa participação de Karl Popper, e minha introdução, *Organicismo e individualismo* [Organicismo e individualismo], publicada em *Mondoperaio*, n. 1-2, janeiro-fevereiro de 1983, p. 99-103.

certamente tem uma concepção orgânica de sociedade, a qual se revela, só para apontar alguma referência a temas recorrentes, ao insistir no princípio da solidariedade em oposição àquele da agregação na base de interesses comuns, na necessidade da integração de um indivíduo no grupo até o extremo do sacrifício pessoal, na máxima segundo a qual o tudo está acima das partes, e as partes fora do tudo não significam nada; mas não se pode negar que uma concepção orgânica de sociedade, também foi aceita em uma parte da esquerda e do movimento operário, em uma polêmica direta contra as teorias individualistas, depreciativamente chamadas de atomísticas, “burguesas”, e assim por diante denegrindo. Do lado oposto, se considerarmos o fato de que o contratualismo é uma das expressões historicamente mais relevantes e politicamente mais influentes do individualismo, não é possível não levar em conta a existência, no panorama político de hoje, de um neocontratualismo de esquerda (que poderia ser chamado de “liberal-socialista”), e ao mesmo tempo, não se pode não reconhecer que o liberalismo, sobretudo em sua versão econômica, sempre foi individualista, a ponto de provocar as notórias alfinetadas de Marx em relação a Bentham, o “arquifilisteu”, que deixaram uma marca indelével na atitude da esquerda europeia no que tange à filosofia utilitarista (a que se opõem, inútil acrescentar isso, também todas as filosofias espiritualistas que alimentaram doutrinas políticas conservadoras, se não exatamente reacionárias).

Esclarecido qualquer equívoco sobre essa tentação, o primeiro e mais óbvio critério de distinção entre esquerda e direita que vem à mente, e que merece ser levado em consideração, é aquele pautado no contraste entre doutrinas e movimentos que são favoráveis à mudança (ou ao progresso), e doutrinas e movimentos que favorecem a conservação.

A razão pela qual essa oposição continua tendo certa vitalidade, e muitas vezes volta à tona na busca pelas características da esquerda em relação à direita, reside no fato de que mudança e conservação, progresso e retrocesso, são termos tão elásticos que abrangem os projetos políticos mais diferentes, e também opostos em termos avaliativos. Digo “em termos avaliativos”, pois nada garante que a mudança em si seja boa, e a conservação em si, ruim. Obviamente, isso não depende apenas do ponto de vista em que nos colocamos a respeito da maneira de julgar a mudança como tal, ou a conservação como tal, mas ainda mais, daquilo que se pretende mudar ou conservar. Posso julgar como bom o retorno ao mercado preconizado pelos neoliberais, e como ruim, ou até mesmo péssimo, o retorno à sociedade pré-industrial, arcaica, rural, hierárquica, às vezes

preconizado pelas direitas reacionárias. Mas não posso negar, de um ponto de vista estritamente cronológico, que ambas são doutrinas que voltam seu olhar para trás, para um estado de coisas que existia antes da sociedade industrial avançada, que gerou, junto com o desenvolvimento da democracia, aquele do estado de bem-estar também.

Talvez uma dúvida possa surgir no que tange à oportunidade do critério, por conta da relatividade do antes e do depois. Os liberais que hoje promovem o retorno ao mercado foram o partido do progresso contra a economia ainda em grande parte onerada pelas restrições de natureza feudal da sociedade subjacente ao poder unificador das monarquias absolutas. E, ao lado oposto, quem enxerga na difusão do estado de bem-estar da época contemporânea um retorno ao estado eudemonístico de 1700, ao *Wohlfahrt-Staat* [Estado de bem-estar social] dos escritores alemães de direito público e ciência da administração do século XVIII, interpreta isso como um retrocesso no tempo, uma verdadeira regressão a um estado de coisas anterior à formação do estado liberal-burguês.

Mas uma vez esclarecido que o “antes” e o “depois” são relativos, e que mudança e conservação são axiologicamente ambivalentes e, portanto, são termos qualificadores que devem ser usados com grande cautela, acredito que este primeiro critério de distinção entre direita e esquerda sempre deva ser levado em consideração e, justamente em virtude de sua amplitude e imprecisão, toda a extensão em que se colocam os alinhamentos políticos, tanto aqueles extremos, quanto aqueles moderados. O defeito deste critério, em comparação com aquele que ilustrarei logo em seguida, é, possivelmente, sua escassa força de identificação, e a possibilidade que ele concede de ser continuamente revirado e, portanto, se prestar a alimentar a vácuca escaramuça da controvérsia política, de modo que até o conservador pode se apresentar como um proponente da mudança (“Estamos dispostos a mudar o que não pode mais ser conservado”) e o progressista pode se apresentar como um proponente da conservação (“Estamos dispostos a conservar o que não deve ser mudado”).

Em minha opinião, o critério de distinção mais significativo e incisivo é outro. É o critério pautado exclusivamente na atitude diferente que os homens assumem frente ao ideal da igualdade, que, com certeza, juntamente com o ideal da liberdade (talvez junto com aquele da paz), é um dos fins últimos do homem que vive em sociedade. Neste caso também, prescindindo totalmente de qualquer julgamento de valor, se a igualdade for preferível à desigualdade, também porque esses dois conceitos, como aqueles

anteriormente examinados, são relativos, e não absolutos: relativos por serem em função de pelo menos duas variáveis que, cada vez que o discurso sobre a deseabilidade da igualdade for introduzido, e ele é sempre sobre a deseabilidade de certa igualdade, é preciso levar em conta, respondendo a duas perguntas: “Igualdade *entre quem*, e *em relação ao quê?*” Limito-me a constatar que existem ideologias igualitárias e ideologias inigualitárias, e que a distinção entre esquerda e direita passa sobretudo por esta oposição.

Não ignoro que, tomando como ponto de referência o outro grande ideal moral e político que atravessa, como aquele da igualdade, toda a história humana, o ideal da liberdade (às vezes considerado alternativo, outras vezes convergente, em relação àquele da igualdade), é possível conceber um segundo contraste, não menos relevante do ponto de vista histórico: aquele entre ideologias libertárias e ideologias autoritárias. Mas, por mais importante que seja, essa oposição não coincide com a oposição entre direita e esquerda. Existem ideologias libertárias e autoritárias tanto à direita, quanto à esquerda. Poupar-lhes-ei os exemplos, pois eles estão presentes na mente de todos nós.

Acho possível argumentar, corretamente, que a distinção entre ideologias libertárias e autoritárias serve, possivelmente, para identificar, respectivamente no âmbito da direita e da esquerda, a ala moderada e a ala extremista. Mesmo sob esse aspecto, os extremos se tocam, assim como se tocam, convergindo uma para a outra, as duas alas intermediárias. Se me for concedido que o critério relevante para distinguir a direita da esquerda é o ideal de igualdade, enquanto o ideal de liberdade é relevante para distinguir as duas alas, pode-se dividir esquematicamente o espectro em que se colocam as várias ideologias, partindo da esquerda e indo em direção da direita, da maneira seguinte: (1) na extrema esquerda estão os movimentos igualitários e autoritários (dos quais o exemplo histórico mais importante, ao ponto de ter se tornado gradualmente uma categoria abstrata, é o jacobinismo); (2) no centro-esquerda, os movimentos igualitários e libertários (hoje poderíamos usar a expressão “socialismo liberal” para denominar esta área, que inclui todos os partidos social-democratas, mesmo em suas várias tendências e praxes políticas); (3) no centro-direita, os movimentos que são ao mesmo tempo libertários e inigualitários, nos quais é possível incluir toda a história do liberalismo europeu (além da igualdade formal, ou jurídica, ou perante a lei, um liberal pode chegar, no máximo, à igualdade das oportunidades, que serve para valorizar a diversidade, razão pela qual é bom que o melhor, uma vez que não esteja colocado numa posição de partida vantajosa, chegue primeiro); (4) na extrema direita, os movimentos que são ao mesmo



tempo antilibertários e anti-igualitários, e constituem aquilo do que estamos nos ocupando, a direita reacionária.

Voltando ao critério da igualdade, acho agora fundamental explicar melhor o que se entende por doutrina igualitária e pelo seu oposto. Como já disse, igualdade e desigualdade são conceitos relativos. Tão relativos que uma afirmação geral como a seguinte: “Todos os homens são iguais” estaria errada, e a afirmação oposta: “Todos os homens são desiguais” também estaria errada. Na verdade, os homens são tão iguais, como desiguais. Para citar o mesmo exemplo de sempre, eles são iguais perante a morte, mas são desiguais quanto à forma de morrer, pois todo mundo morre, mas cada um morre de maneira diferente. Em geral, podemos dizer que eles são iguais se forem considerados como *genus* [gênero] e comparados, enquanto gênero, com os outros animais e seres vivos; desiguais entre si, se forem considerados *uti singuli* [singularmente], ou seja, tomando-os um por um. Agora, eu chamo de igualitários aqueles que, mesmo percebendo que os homens são iguais e desiguais, põem mais ênfase no que os torna iguais do que no que os torna desiguais; de inigualitários, aqueles que, partindo da mesma constatação de que os homens são tão iguais, quanto diferentes, põem mais ênfase no que os torna desiguais do que no que os torna iguais. Trata-se de escolhas éticas que afundam suas raízes em condicionamentos históricos, sociais, familiares, talvez até biológicos, sobre os quais muito pouco sabemos. De fato, é verdade que os homens são tão iguais, quanto desiguais: o fato de preferir a igualdade à desigualdade (e agir conseqüentemente) é uma escolha moral. Mas é justamente essa escolha moral que, em minha opinião, marca e distingue muito bem os dois campos opostos que, por longa tradição, estamos acostumados a chamar de esquerda e direita.

É possível esclarecer esse contraste introduzindo uma especificação adicional, ou seja, distinguindo entre as igualdades-desigualdades naturais, e as igualdades-desigualdades sociais. Geralmente, o igualitário acredita que a maioria das desigualdades que o perturbam, e que ele gostaria de fazer desaparecer, são sociais e, como tais, elimináveis; pelo contrário, o inigualitário geralmente acredita que estas são naturais e, como tais, não elimináveis. Reflitamos, por um momento, sobre a questão feminista, com que todos nós já estamos familiarizados. Não há dúvida de que o movimento feminista é um movimento igualitário: com efeito, um dos seus temas preferidos é de que a desigualdade entre homens e mulheres, embora tenha raízes na natureza, em muitos casos

é o produto das relações sociais que historicamente ocorreram de uma determinada maneira (que não necessita de causas naturais).

Considero que se possa providenciar uma ampla demonstração histórica da correspondência entre a dicotomia direita-esquerda e a dicotomia doutrinas inigualitárias-doutrinas igualitárias. Naturalmente, não posso fazer isso neste contexto. Limito-me a chamar a atenção de todos para a antítese, amplamente documentável, entre os dois autores que podem ser considerados, respectivamente, o príncipe dos escritores igualitários e inspirador dos movimentos que professam o ideal da igualdade, e o príncipe dos escritores inigualitários e supremo inspirador dos movimentos que professam a fé na hierarquia, nas elites dominadoras e guerreiras, e proclamam a superioridade de uma raça, de um povo, de uma linhagem sobre todas as outras. Esses dois autores são Rousseau e Nietzsche. Qualquer um que tenha certa familiaridade com a literatura reacionária pré-fascista, fascista e pós-fascista, conhece o teor da fúria antirrousseauiana pela qual esta é atravessada. Reuni alguns testemunhos em outro lugar, e agora não é caso de repeti-los<sup>7</sup>. Seja suficiente lembrar o furioso antirrousseauismo de Nietzsche, mesmo através de uma única citação: “Minha luta contra o século XVIII de Rousseau, contra a sua ‘natureza’, o seu ‘homem bom’, a sua crença na preponderância do sentimento – contra a debilitação, o enfraquecimento, a moralização integral do ser humano: um ideal que nasceu do ódio contra a cultura aristocrática e que é *in praxi* o predomínio das pulsões descontroladas do ressentimento, transformadas em estandartes de luta”<sup>8</sup>. O fato de que Rousseau foi criticado, também, por escritores não reacionários, a começar pelo liberal Benjamin Constant, para terminar com o autor do notório livro sobre democracia totalitária [*The origins of totalitarian democracy* [As origens da democracia totalitária] (1952)], Jacob Talmon, que se coloca também sob o ponto de vista de um liberalismo tradicional, não surpreende, mas lembremos a antítese, anteriormente evidenciada, entre igualitarismo e libertarianismo (que caracteriza o inigualitarismo moderado). Mais surpreendente é que Nietzsche possa ter sido reavaliado e reproposto por escritores que se definem de esquerda, não fosse pelo fato de que, na esquerda, existe, como observei,

---

7 BOBBIO, Norberto. *L'ideologia del fascismo* [A ideologia do fascismo]. In: CASUCCI, Costanzo (org.). *Il fascismo: Antologia di scritti critici* [O fascismo: Antologia de escritos críticos]. Bologna: Il Mulino, 1982, p. 600-601.

8 NIETZSCHE, Friedrich. *Frammenti postumi 1887-1888* [Fragmentos póstumos 1887-1888]. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Opere* [Obras], vol. VIII, tomo II. Milano: Adelphi, 1971, p. 105. Para a tradução em português da citação, utilizamos a seguinte edição brasileira, traduzida por Flávio R. Kothe: NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos finais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007, p. 55.

um componente autoritário, o que explica, entre outras coisas, o sucesso de um escritor antiliberal e antidemocrático como Carl Schmitt.

O contraste entre Rousseau e Nietzsche pode ser bem ilustrado pela diferente atitude que os dois, respectivamente, assumem em relação à naturalidade ou historicidade da igualdade (ou da desigualdade). No *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*, Rousseau parte da consideração de que os homens nasceram iguais, mas deplora que a sociedade civil os tenha tornado desiguais. Nietzsche, ao contrário, parte do pressuposto de que os homens são desiguais por natureza, e só a sociedade, com sua moralidade de rebanho, com sua religião de compaixão e resignação, os tornou iguais. Essa mesma corrupção que, para Rousseau, gerou desigualdade, para Nietzsche gerou igualdade. Ainda a propósito de Rousseau, ele escreve: “o que odeio é sua moralidade rousseauiana — as chamadas ‘verdades’ da Revolução [...] A doutrina da igualdade! Mas não há veneno mais venenoso”<sup>9</sup>. Lá onde Rousseau enxerga desigualdades artificiais e, portanto, a serem condenadas por estarem em contraste com a igualdade natural, Nietzsche enxerga uma igualdade artificial, portanto, a ser condenada por estar em contraste com a desigualdade natural. A antítese não poderia ser mais radical: em nome da igualdade natural, o igualitário condena a desigualdade social; em nome da desigualdade natural, o inigualitário condena a igualdade social. Nietzsche chama a igualdade natural de “uma bela dissimulação, na qual mais uma vez se disfarça a hostilidade plebéia a tudo o que é privilegiado e senhor de si, e igualmente um segundo e mais refinado ateísmo”<sup>10</sup>.

---

9 NIETZSCHE, Friedrich. *Crepuscolo degli idoli* [Crepúsculo dos ídolos]. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Opere* [Obras], vol. VI, tomo III. Milano: Adelphi, 1970, p. 150. Para a tradução em português da citação, utilizamos a seguinte edição brasileira, traduzida por Paulo César de Souza: NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 97-98.

10 NIETZSCHE, Friedrich. *Al di là del bene e del male* [Para além do bem e do mal]. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Opere* [Obras], vol. VI, tomo II. Milano: Adelphi, 1968, p. 27. O fragmento continua da maneira seguinte: “*Ni Dieu ni maitre* [Nem Deus, nem senhor] – assim querem vocês também: e por isso viva a lei natural! – não é verdade? Mas, como disse, isso é interpretação, não texto, e bem poderia vir alguém que, com intenção e arte de interpretação opostas, soubesse ler na mesma natureza, tendo em vista os mesmos fenômenos, precisamente a imposição tiranicamente impiedosa e inexorável de reivindicações de poder – um intérprete que lhes colocasse diante dos olhos o caráter não excepcional e peremptório de toda vontade de poder” (pp. 27-28). Para a tradução em português das duas citações (no corpo do texto e na nota de rodapé), utilizamos a seguinte edição brasileira, traduzida por Paulo César de Souza: NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 28.

Em minhas leituras nietzschianas, recolhi uma coletânea de máximas que, todas juntas, poderiam formar um catecismo completo do reacionário<sup>11</sup>. Limitar-me-ei a algumas citações, a título de comentário do tríplice ponto de vista, histórico, ético, político, sob o qual é possível considerar o inigualitarismo. *Historicamente*, o contraste entre igualitários e inigualitários se confronta com a Revolução Francesa, exaltada pelos primeiros, execrada pelos segundos. Nietzsche: “A nossa aversão à *révolution* não se deve à farsa sanguinária, à ‘imoralidade’ com a qual ela se desenrolou; mas antes à sua *moral* gregária, às suas ‘verdades’, com as quais ela de resto continua ainda a influenciar, à sua imagem contagiosa da ‘justiça’ e da ‘liberdade’, com a qual ela quer cativar todas as almas medíocres, à sua maneira de derrubar os poderes *das classes superiores*. Que em torno dela algo se tenha produzido de maneira tão horrível e sanguinária, foi isto que deu a esta orgia da *mediocridade* uma *aparência de grandeza*, de tal maneira que, enquanto espetáculo, ela seduziu inclusive os espíritos mais altivos”<sup>12</sup>. *Eticamente*, para Nietzsche o igualitarismo é a moralidade dos fracos, dos pobres de espírito, dos “fracassados”, dos resignados, que se opõem aos fortes, aos homens superiores, aos dominadores, e representa a derrubada de todos os valores que tornaram grande a Europa: a utilidade mercantil no lugar da nobreza e do espírito guerreiro, a confiança na quantidade no lugar da qualidade, o achatamento e o nivelamento contra a ordem e a hierarquia. Textualmente: “Há, nesse caso [a referência é, mais uma vez, à Revolução Francesa], uma espécie de predomínio do número e, portanto, da espécie mais baixa de homem, sobre os eleitos e

---

11 Será bom lembrar, de uma vez por todas, que essa inspiração inigualitária já está totalmente explicada nas obras da juventude. Em uma palestra sobre *O estado grego* de 1872, Nietzsche escreve: “Para que haja um solo mais largo, profundo e fértil onde a arte se desenvolva, a imensa maioria tem que se submeter como escrava ao serviço de uma minoria, ultrapassando a medida de necessidades individuais e de esforços inevitáveis pela vida. É sobre suas despesas, por seu trabalho extra, que aquela classe privilegiada deve ver-se liberada da luta pela existência, para então gerar e satisfazer um novo mundo de necessidade. A partir do que foi dito, temos de consentir em apresentar, como o eco de uma verdade cruel, o fato de que *a escravidão pertence à essência de uma cultura* [...]. A miséria dos homens que vivem penosamente ainda tem de ser aumentada para possibilitar, a um número limitado de homens olímpicos, a produção de um mundo artístico” (NIETZSCHE, Friedrich. *Opere* [Obras], vol. III, tomo II. Milano: Adelphi, 1973, p. 226-227. Para a tradução em português das duas citações presentes nesta nota de rodapé, utilizamos a seguinte edição brasileira, traduzida por Pedro Sússekind: NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1996, p. 47). Um pouco mais adiante: “Do amolecimento do homem moderno nasceram as monstruosas calamidades sociais do presente, e não da verdadeira e profunda misericórdia com relação àquela miséria; e se chegasse a ser verdade que os gregos sucumbiram por causa da escravidão, é muito mais certo que nós sucumbiremos por causa da falta de escravidão” (NIETZSCHE, Friedrich. *Opere* [Obras], vol. III, tomo II. Milano: Adelphi, 1973, p. 228).

12 NIETZSCHE, Friedrich. *Frammenti postumi 1887-1888* [Fragmentos póstumos 1887-1888]. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Opere* [Obras], vol. VIII, tomo II. Milano: Adelphi, 1971, p. 59. Para a tradução em português da citação, utilizamos a seguinte edição brasileira, traduzida por Noéli Correia de Melo Sobrinho: NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre política*, v. 1. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio; São Paulo: Loyola, 2007, p. 170-171.

raros, um gosto democrático fundamental em todas as avaliações, por conta do qual, no final, a fé nos grandes homens e nas grandes coisas transforma-se em desconfiança e, por último, em descrença, e torna-se a causa da morte de tudo o que há de grande”<sup>13</sup>. *Politicamente*, o igualitarismo gerou o regime que todos os inigualitários extremos (de direita e de esquerda, e nisso eles se parecem) desprezam: a democracia. O cimento de todas as doutrinas não igualitárias, também dos inigualitários de tradição liberal (pensemos em um conservador esclarecido como [Gaetano] Mosca, ou em um liberal desencantado como [Vilfredo] Pareto, para ficarmos na Itália) é a antidemocracia, considerando a democracia justamente como a forma de governo cujo princípio inspirador é a igualdade dos cidadãos no exercício do direito político (um indivíduo, um voto). Mais uma citação de Nietzsche: “Sou avesso 1. ao socialismo, porque ele sonha, de modo totalmente ingênuo, com o ‘bom, belo e verdadeiro’ e com direitos iguais [...]; 2. ao parlamentarismo e à imprensa, pois ambos são meios pelos quais o animal de rebanho se torna senhor. Minha atenção dirige-se para em quais pontos da História surgem os grandes homens. A significação de *morais despóticas* prolongadas: elas tencionam o arco, se não chegam a rompê-lo”<sup>14</sup>. Nas obras de Nietzsche, a diatribe contra o sufrágio universal é um refrão monótono: “na época do *suffrage universel* [sufrágio universal], quer dizer, numa época na qual todos podem se erigir como juízes de todos e de todas as coisas, fico ansioso por restabelecer a hierarquia”<sup>15</sup>.

Tirei minhas citações de Nietzsche, pois o autor de *Assim falou Zaratustra*, ao longo do último século, foi a grande fonte da qual beberam todos os movimentos da direita reacionária. A doutrina da ordem hierárquica do mundo e da sociedade, a exaltação

---

13 NIETZSCHE, Friedrich. *Frammenti postumi 1884-1885* [Fragmentos póstumos 1887-1888]. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Opere* [Obras], vol. VII, tomo III, p. 195 (tradução nossa).

14 NIETZSCHE, Friedrich. *Frammenti postumi 1884-1885* [Fragmentos póstumos 1887-1888]. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Opere* [Obras], vol. VII, tomo III, p. 158. Para a tradução em português da citação, utilizamos a seguinte edição brasileira, traduzida por Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes: NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 377 e 471.

15 NIETZSCHE, Friedrich. *Frammenti postumi 1884* [Fragmentos póstumos 1887-1888]. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Opere* [Obras], vol. VII, tomo II, p. 138 (para a tradução em português da citação, utilizamos a seguinte edição brasileira, traduzida por Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes: NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 431). Mas já no ensaio da juventude, *O estado grego*, anteriormente citado: “No movimento nacionalista dominante hoje em dia e na expansão do direito de voto universal, não posso deixar de ver antes desse de tudo os efeitos do *medo da guerra*” (p. 234). Tudo isso para concluir da forma seguinte: “Que seja dito então: a guerra é uma necessidade para o estado, tanto quanto o escravo é para a sociedade” (p. 235). Para a tradução em português destas duas últimas citações, utilizamos a seguinte edição brasileira, traduzida por Pedro Süsskind: NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1996, p. 51-52).

da divisão dos homens entre minorias dominadoras e maiorias súditas, entre raças superiores e raças inferiores, entre eleitos e réprobos, entre super-homens e sub-homens, o ódio furioso contra a democracia, são comuns a todos os escritores, mais ou menos famosos, que a direita reacionária exuma e exalta. O conservadorismo revolucionário, escreve um dos mais credenciados escritores da nova direita italiana, Adriano Romualdi, “acredita nos valores seletivos, em todos os valores que operam no sentido do acúmulo de energias no seio das castas, das ordens, dos grupos étnicos. O próprio racismo é, também, um conceito seletivo, pois a raça ariana ou nórdica que se pretende defender é o produto de uma seleção milenar, ocorrida na idade do gelo, e que diferenciou um fragmento da humanidade primordial em um sentido antropológicamente mais evoluído”<sup>16</sup>. A propósito da democracia: “A democracia zera e desconhece não apenas os méritos e as diferenças entre os méritos, e se traduz em um sistema antisseletivo [...] mas também como um sistema impopular, que não se preocupa com as diversidades nas necessidades, deslumbrado com a quimera do igualitarismo”<sup>17</sup>. Eu poderia continuar com essas citações fáceis, até fáceis demais. Mas, prescindindo da consideração de que a outros, nesta conferência, cabe a tarefa de aprofundar a análise da literatura da nova direita<sup>18</sup>, não posso deixar de expressar meu desconforto diante da monotonia desses escritos (uma vez lido um, parece que tenhamos lido todos eles) e a repetitividade quase obsessiva dos argumentos, que gera um tédio mortal. Seja dito de uma vez por todas, com todo o respeito por um grande escritor como Nietzsche: até mesmo sua obra, especialmente desde quando estão sendo publicados, com cuidado exemplar, todos os fragmentos, até aqueles menores dos últimos anos, é obsessivamente monótona, quase monomaníaca.

---

16 ROMUALDI, Adriano. *Correnti politiche ed ideologiche della destra tedesca dal 1918 al 1932* [Correntes políticas e ideológicas da direita alemã de 1918 a 1932]. Anzio: L’Italiano edizioni, 1981, p. 44 (tradução nossa).

17 VENEZIANI, Marcello. *Per una cultura dell’intervento* [Por uma cultura da intervenção]. In: CONVEGNO “COSTANTI ED EVOLUZIONI DI UN PATRIMONIO CULTURALE”, Roma, 1982. *Al di là della destra e della sinistra: Atti del Convegno* [Para além da direita e da esquerda: Atas da Convenção]. Roma: L.E.D.E., 1982, p. 40 (tradução nossa).

18 Em particular a Marco Revelli, com o relatório *Panorama editoriale e temi culturali della destra militante* [Panorama editorial e temas culturais da direita militante]. Material mais amplo se encontra no volume, ainda não publicado, *Cultura e ideologia della nuova destra in Italia: Primi risultati di ricerca* [Cultura e ideologia da nova direita na Itália: Primeiros resultados de pesquisa], editado por F. Ferraresi, A. E. Galeotti, P. Guerra, A. Jellamo, M. Revelli, I. Schladen, e no relatório, também ainda não publicado, de F. Ferraresi, *La cultura politica della destra eversiva* [A cultura política da direita subversiva], apresentado na conferência *Violenza politica e terrorismo in Italia* [Violência política e terrorismo na Itália], realizada em Bolonha nos dias 29 e 30 de abril de 1980.

Antes de concluir, não posso deixar de chamar a atenção de todos para o outro grande tema, sobre o qual recai todo discurso relativo à direita reacionária: o culto da tradição (ou melhor, da Tradição). É este um tema ao qual o prof[essor] Dino Cofrancesco, que é um dos palestrantes de amanhã, dedicou páginas esclarecedoras. Refiro-me, em particular, a um ensaio de 1976, *La tradizione come archetipo e i suoi usi politici* [A tradição como arquétipo e os seus usos políticos], e ao volume *Destra e sinistra* [Direita e esquerda], que é de 1981, em que o autor distingue oportunamente seis acepções significativas de tradição, que remetem a outras tantas correntes culturais e políticas da direita<sup>19</sup>. Sentido e culto da tradição se revelam na referência constante, apaixonada, mais emocionalmente vivenciada do que racionalmente justificada, a um passado a ser revivido e em que espelhar-se, não importa, depois, se esse passado for, desajeitadamente, o império romano dos fascistas com as legiões quadradas, ou, grosseiramente, a comunidade de sangue e solo dos povos germânicos, ou apenas o *ancien régime*. Toda direita reacionária tem seu próprio passado, mais ou menos remoto, mítico ou histórico, a ser recuperado, a ser restaurado, a ser apontado como modelo e ao qual é preciso permanecer fiéis: a fidelidade à tradição é um dos elementos que nunca faltam nas declarações de princípio e na retórica dos doutrinários e propagandistas da direita subversiva. Tanto mais importante, esse tema, enquanto serve para aperfeiçoar o contraste entre a direita subversiva e a esquerda subversiva que, sob outros aspectos, como já foi dito, convergem, por exemplo, na revolta contra a democracia<sup>20</sup>. À fidelidade à tradição, a esquerda revolucionária opõe a confiança na grande transformação, no renascimento, na renovação, no salto qualitativo, e não na restauração das virtudes antigas, mas sim, na criação do homem novo. Lá, a idade feliz ficou para trás, aqui fica em frente. Lá, o futuro é escuro, e apenas o passado brilha; aqui, o passado é o reino das trevas, e a única luz procede do sol do porvir.

---

19 Publicados, respectivamente, o primeiro em *Il politico*, XLI, 1976, n. 2, p. 209-236, o segundo, em *Il Basilisco*, Genova, 1981.

20 Uma das razões pelas quais o nacionalismo é de direita é que, para constituir-se e consolidar-se como ideologia, ele precisa de uma ideia firme, tão firme que se tornou imóvel e imutável, de identidade nacional, de um verdadeiro arquétipo que é reconstruído a partir de um passado glorioso, em contraste com a decadência do tempo presente. Pensemos no nacionalismo russo dos eslavófilos, na exaltação da idade de ouro da monarquia feita pela *Action Française*, ou nas várias correntes germanófilas que alimentaram o racismo alemão. O nacionalismo fascista, na ausência de um passado decente do qual se vangloriar na idade média (a época das comunas fora a época de ouro das correntes democráticas), ou na época do *Ancien Régime*, à qual na Itália correspondeu a Contrarreforma e a preponderância estrangeira, recorreu à exaltação do império romano, a um passado tão remoto e irrepetível de tornar tal exumação incrível e, em muitos aspectos, até grotesca (tanto que a nova direita a abandonou por completo).

Resta saber qual é a relação (supondo que haja uma relação; mas há) entre a concepção hierárquica do mundo e da sociedade na qual detive-me anteriormente, e o culto à tradição. Quem busca conforto e salvação na tradição parte de uma análise crítica, impiedosamente crítica, do tempo presente, interpretado como uma época de decadência. Não esqueçamos que, ao tema da tradição a ser salva, sempre está estreitamente ligado o tema, simétrico e oposto, da decadência: a saudade do passado brota de um julgamento negativo sobre a sociedade do tempo em que se vive, considerada como uma sociedade em um frenesi de crise mortal, que a leva, inexoravelmente, à ruína, exceto por uma sacudida profunda, que poderia até ser violenta. A literatura da nova direita é, ela mesma, uma literatura da crise, ou se serve dela para seus próprios fins: o caso da *Decadência do Ocidente* de [Oswald] Spengler é exemplar. Se o presente é decadência, o renascimento só pode ser um grande retorno, uma “revolução” no sentido original de *revolutio*, de retorno às origens. A decadência é desordem; a desordem é o oposto da ordem, isto é, de uma relação estável, correta, justa entre as diferentes partes da sociedade, daquela relação que só permite que um tudo composto de partes, assim como a sociedade é representada em uma concepção orgânica, fique junto, permaneça, se desenvolva de acordo com sua própria natureza. No estado de decadência, o que ficava embaixo sobe para cima e vice-versa; tudo vira de cabeça para baixo. Decadência é confusão, desordem e, portanto, dissolução, desintegração, laceração, desintegração do formal no informe. Os filhos se rebelam contra os pais, os escravos contra os senhores, o rebanho contra os pastores, a tripulação contra o capitão, as mulheres contra os homens, as criaturas contra o criador. Enquanto o revolucionário tem uma concepção progressiva da história, o reacionário tem uma concepção regressiva (terrorista, assim a chamava Kant). A causa principal da regressão é, justamente, o desaparecimento, a decomposição, a dissolução das relações entre superior e inferior, o advento gradual, irresistível, ameaçador do reino da igualdade, depreciado e temido enquanto triunfo do homem-massa e enquanto fim das aristocracias.

Gostaria de parar por aqui, embora esteja convencido de que, com este meu discurso, levantei mais problemas do que aqueles que consegui resolver. Mas o primeiro palestrante se encontra na condição privilegiada de abrir a conferência. Cabe a outros a tarefa, muito mais difícil, de continuar com ela e de encerrá-la.

<b>Recebido em: 21/02/2022</b>
<b>Aceito em: 22/02/2022</b>